



O SISTEMA DE RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*, DE MILTON HATOUM

Eliane Auxiliadora Pereira

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: eliane_gyn@brturbo.com.br

Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: erfpinto@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende analisar a obra de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente*, sob a perspectiva da teoria dos sistemas. Para esta pesquisa usaremos os estudos teóricos de Lúcia Santaella, Jorge Albuquerque, Maria Esteves, Clifford Geertz e Stuart Hall, que versam sobre a teoria dos sistemas e dos estudos culturais. Portanto, o que se objetiva demonstrar é como esta narrativa foi alinhavada pelos enigmas da memória, por meio dos sistemas e dos subsistemas da História, dos Estudos Culturais e da Religião, uma vez que a abordagem sistêmica é antes de mais nada, uma maneira de pensar e não simplesmente uma teoria. E a obra literária é composta por um polissistema, pois a Literatura é um sistema maior que é permeado por outros sistemas que a completam.

Palavras-chave: Relato de um certo Oriente, Cultura, Interdisciplinaridade, Memória, Sistema.

Abstract

This article seeks to analyse the work of Milton Hatoum, the Account of a certain East, under the perspective of systems theory. For this research we will use the theoretical studies of Lucia Santaella, Jorge Albuquerque, Maria Esteves, Clifford Geertz, and Stuart Hall, describing the systems theory, and cultural studies. Therefore, the objective is to show you how this narrative was alinhavada by the puzzles of memory, by means of the systems and subsystems of the History, Cultural Studies and Religion, since the systemic approach is composed by a polissistema, because the Literature is a larger system than it is permeated by other systems that complete it.

Keywords: Stories by a certain East, Culture, Interdisciplinary approach, Memory, System.

Introdução

Apesar da recorrência de estudos sobre a produção literária de Milton Hatoum, este trabalho faz-se relevante pelo interesse em analisar uma vertente ainda não explorada nos estudos de *Relato de um certo Oriente*, primeira obra do escritor. Procuraremos analisar esta obra sob a perspectiva da teoria dos sistemas, buscando uma compreensão acerca das relações interdisciplinares no escopo literário que perfazem a construção desta narrativa, que se utiliza de várias vozes para construir as peculiaridades de cada personagem dentro da obra, seja ela alguém da família ou, simplesmente, um amigo.

Assim, ao analisarmos a obra, abordaremos como sistema geral a Literatura e



a obra literária, e como subsistemas, as disciplinas relacionadas à interdisciplinaridade do texto em estudo. Portanto, o que se pretende é analisar o texto de Hatoum de forma interdisciplinar e não apenas focada em uma única disciplina, ou seja, analisar um objeto interdisciplinarmente é ver este objeto de estudo sob vários olhares. E a teoria de sistemas contribui para que isto ocorra.

Pode-se dizer que esta obra de Milton é um sistema complexo. Desta forma, para estudar a obra, precisamos analisar todos os fenômenos que dela fazem parte, pois estes fenômenos pertencem a um contexto e estão dentro de outros sistemas, os quais chamamos, nesta análise, de subsistemas. Assim, em uma análise sistêmica, o foco do estudo do objeto - a obra literária - deve ser realizada por meio do estudo das relações entre os elementos que a compõem, pois de acordo com Esteves (2002, p. 112)

Contextualizar é reintegrar o objeto no contexto, é vê-lo existindo no sistema. E ampliando ainda mais o foco, colocando o foco nas interligações, veremos esse sistema interagindo com outros sistemas, veremos uma rede de padrões interconectados, veremos conexões ecossistêmicas, veremos redes de redes ou sistemas de sistemas.

A história, os estudos culturais e a religiosidade constituem alguns dos subsistemas que interagem na construção da obra literária.

Analisaremos no subsistema da História, a ambientação do romance que retrata um período histórico importante para o desenvolvimento da região amazônica nas primeiras décadas do século XX, nesta região em que a história do romance acontece. Nos estudos culturais, veremos a questão indenitária, os costumes e o hibridismo presentes no romance em estudo. Já na questão da religiosidade, falaremos sobre a aceitação das duas culturas na casa de Emilie: a católica e a islâmica.

Perceberemos no decorrer da análise que estes subsistemas e as relações que eles estabelecem sofrem interferências do ambiente por meio de fatores específicos. Uma vez que para construir a obra foi necessário que esses elementos, os subsistemas, se inter-relacionassem com os elementos que permeiam a narrativa, pois a abordagem sistêmica não é a soma de suas partes, já que as interações entre os sistemas podem ser tão ou mais importantes do que a soma de todas as partes, pois o todo justifica as partes e as partes são fundamentais para o todo. Assim, percebe-se que a abordagem sistêmica é antes de mais nada, uma maneira de pensar e não simplesmente uma teoria.

Esteves (2002, p. 199) contribui com esta ideia ao afirmar que:

[...] os sistemas não são inteligíveis por meio da investigação de suas partes isoladamente [...]. As relações são o que dá coesão ao sistema todo, conferindo-lhe um caráter de *totalidade* ou *globalidade*, uma das características definidoras do sistema [...]. A noção de sistema vem substituir a noção preliminar de *gestalten* – noção restrita às *gestalten* em física – referindo-se amplamente a qualquer *unidade* em que *o todo é mais do que a soma das partes*.

Assim, para compreender o comportamento das partes que constituem um sistema, é indispensável considerar as relações existentes entre essas partes.

Milton Hatoum: um intérprete da Amazônia

Milton Hatoum é filho de pai libanês e de mãe amazonense, também descendente de libaneses. Ele nasceu em Manaus, Amazonas, em 1952. Formou-se em arquitetura pela USP - Universidade de São Paulo. Foi professor de Literatura na UFAM – Universidade Federal do Amazonas e na Universidade da Califórnia em Berkeley.

Seu primeiro romance foi *Relato de um Certo Oriente*, publicado em 1989; escreveu também *Dois Irmãos*, publicado em 2000. Por estas duas obras, recebeu o prêmio Jabuti em 1990 e 2001, respectivamente. Também publicou os romances *Cinza do Norte* em 2005, *Órfãos do Eldorado* em 2008. Escreveu os contos, *Reflexão sobre uma viagem sem fim*, em 1992, *Dilema*, em 1992, *A Ninfa e o teatro Amazonas*, em 1996 e *Uma estrangeira da nossa rua*, em 2004, dentre outros. Escreveu também literatura infantil: *Nas asas do Condor*, 1997 e um conto publicado na coletânea *O livro dos Medos*, 1998. Escreveu também poesia: *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas*, em 1979. Além de ensaios: *Narrar para não morrer*, em 1991, *A natureza como ficção*, 1993, *Diálogo entre mundos*, 1996, *Literatura e memória*, 1996. Publicou vários artigos que versavam sobre literatura e cultura no Brasil e na Espanha. E o livro de crônicas *Um Solitário à Espreita*, em 2013.

Hatoum também exerce o trabalho de tradutor, já traduziu diversas obras, dentre elas podemos citar *A cruzada das crianças*, de Marcel Schwob; *Três contos*, de Gustave Flaubert em co-autoria com Samuel Tritan Jr. e *Representações de um intelectual*, de Edward Said.

A maioria das obras de Milton Hatoum já foi bastante analisada por estudiosos que tentaram decifrar ou demonstrar as nuances da escritura deste escritor, cuja escrita e leitura, conquistam tanto leitores, quanto críticos. Assim, exporemos algumas considerações acerca da obra *Relato de um certo Oriente*, deste autor, analisada por estudiosos, sob perspectivas diferentes da proposta por este trabalho, a análise por meio da teoria de sistemas.

Davi Arrigucci Júnior retrata a obra *Relato de um certo Oriente* como um romance em que há

Uma arquitetura imaginária: a arte de reconstruir, no lugar das lembranças e vãos do esquecimento, a casa que se foi. Uma casa, um mundo. Um mundo até certo ponto único, exótico e enigmático em sua estranha poesia, mas capaz de se impor ao leitor com alto poder de convicção.

Não se resiste ao fascínio dessa prosa evocativa, traçada com raro senso plástico e pendor lírico: viagem encantatória por meandros de frases longas e límpidas, num ritmo de recorrências e remansos, de regresso à cidade ilhada pelo rio e pela floresta amazônica, onde uma família de imigrantes libaneses, há muito ali radicada, vive seu drama de paixões contraditórias, de culpas e franjas de luto ao redor de mortes trágicas. (ARRIGUCCI JR., 2007, p. 345)

Tânia Pellegrini (2006, s/p) assim apresenta duas obras de Hatoum: *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*:

Os dois romances executam um mergulho vertical nos meandros da memória, sondando as inconclusões do passado e tentando refazer o desfeito, por meio de um exame preciosista de cada elemento que deles brota: perfumes e odores, sons e silêncios, luzes e sombras, palavras ditas e caladas, gestos concluídos ou esboçados, vozes e passos que se estendem horizontalmente por muitos anos de atos e fatos. O vertical e o horizontal tecendo uma trama de tempos por meio de uma delicadíssima composição linguística que não permite estabelecer um sentido único e definitivo, pois trabalha com dois eixos, o *anúncio* e o *segredo*, que se alternam e complementam.

E nesse jogo, mais no segundo que no primeiro romance, avulta também o tempo da história brasileira, disfarçado como tema secundário: o do processo de modernização do país, com ecos específicos na região norte, que, talvez mais do que em outros lugares, revela com crueza as marcas da convivência de progresso e atraso, de avanço e estagnação, de permanência e mudança. Sim, pois os dois livros têm Manaus como seu espaço privilegiado, a cidade ilhada pelo rio e pela floresta, que, desde o fim da *belle époque* da borracha, adaptou-se como foi possível a cada nova circunstância dada pelo desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido, tem-se a história do país refletida num pequeno mundo e a ele circunscrita, transmitindo valores humanos específicos, assim fazendo a passagem do local para o universal.

Manaus surge nos dois livros, por esse viés, como um espaço sociocultural e histórico, formado por estratos humanos que se cruzam e misturam, quase desaparecendo e deixando poucos vestígios: o estrato indígena, o do imigrante estrangeiro, o do migrante de outras regiões do país. Cenário perfeito para ser fecundado pelo “fermento de fantasia” do autor que, filho de uma família libanesa, ali nasceu e viveu até os quinze anos, voltando tempos depois para lecionar literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas.

Maria da Luz Pinheiro de Cristo (2007, p. 9) analisa que um dos elementos de fundamental importância nos romances *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000), é a memória. Para ela, “ambos lutam contra a morte e o esquecimento, registrando a memória de suas famílias, mas, ao mesmo tempo, precisam esquecer. Mas esta é apenas uma das possibilidades de leitura desses romances.”

A estudiosa, no texto *Relatos de uma cicatriz*, estuda o percurso e a mudança da focalização do narrador por meio do estudo dos manuscritos de *Relatos de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*, pois para ela são

Dois narradores, duas formas de narrar à mesma história; este poderia ser outro título deste texto. Embora aparentemente simples, trata-se de uma intrincada rede que envolve tradição literária, história, narração, memória, espaço, tempo, construção, ruínas, enfim, a lista poderia continuar... São dois narradores: Nael e uma mulher cujo nome não nos é revelado, embora existam vários narradores em *RCO*, mas todos são mediados por esta narradora sem nome. (CRISTO, 2007, p. 324)



Stefania Chiarelli em seu artigo *Sherazade no Amazonas – a pulsão no narrar em Relato de um certo Oriente*, interpreta o romance *Relato de um certo Oriente* como uma colcha de retalhos, isto é, a narradora do romance narra sua trajetória a partir da morte de Emilie. Assim, ela refaz a história da família, que se desfaz aos poucos, buscando na memória, visitar seu percurso familiar e seu próprio percurso de vida.

Por meio da personagem –narradora, percebe-se a ênfase na recomposição das memórias familiares, tentativa de reavivar um passado coletivo. Para tanto, a palavra é recurso fundamental na montagem dos diferentes relatos. A crença no poder transfigurador da linguagem como forma de acesso a um mundo que se perdeu, impossível de ser recomposto, faz-se presente. Vale notar que a herança da tradição oriental de obras como *As Mil e uma noites* presente em *Relato de um certo Oriente* talvez explique tamanha soberania dessa palavra. (CHIARELLI, 2007, p. 40)

Os sistemas e os subsistemas na obra literária

Lúcia Santaella e Jorge Albuquerque Vieira no texto *Uma ontologia sistêmica* nos apresenta algumas hipóteses filosóficas: o realismo; o pluralismo; o determinismo ontológico e o formalismo. Assim, para os estudiosos, “... admitir uma realidade implica a necessidade de hipóteses ontológicas sobre a mesma” (SANTAELLA, 2008, p. 27).

Desta forma, um conjunto destas hipóteses de acordo com Santanella (apud Bunge, 1976, p. 27) pode ser: “ (a) A realidade é sistêmica; (b) A realidade é complexa e (c) A realidade é legaliforme”. Portanto, para os autores, a vantagem mais imediata para o estudo da ontologia seria

A maior definição, clareza de conceitos fundamentais como espaço, tempo, matéria e substância, processo etc. e, mais do que tudo, a possibilidade de comparação entre objetos de ciências específicas, ontologias regionais (Vita 1964: 26; Bunge 1977: 11) nas tentativas inter e trans-disciplinares. (SANTAELLA, 2008, p. 27).

Assim, é estabelecida uma nova maneira de (re)ver, verificar e analisar um dado objeto, analisando não apenas o aparente, mas buscando o implícito contido nos dados e nas informações, dentre outros elementos presentes ao objeto em estudo.

Para Renato Rocha Lieber sistema é

Uma forma lógica de apreensão da realidade. Ao se formular sistemas, não se busca um “reflexo” do mundo real, mas sim a descrição ou destaque daqueles “traços” da realidade, cujo conjunto permite a percepção de uma condição de ordem e a proposição de uma forma operativa voltada para um dado objeto. (LIEBER, 2011, p. 01).

Isto quer dizer que, um sistema compreende um conjunto de elementos ou coisas, que estão relacionadas ou conectadas entre si, de tal modo que podem



formar ou uma unidade, ou um todo. Estas partes conectadas devem estabelecer sentidos entre si, para terem significado quando analisadas conjuntamente. Pois cada parte deste conjunto deve estar relacionada direta ou indiretamente aos outros elementos que a constituem, dentro de um determinado tempo e de um determinado espaço. Esses elementos podem ser pessoas, objetos, dentre outros. A esses elementos chamaremos de subsistemas.

Assim, esta definição de Lieber sobre sistemas nos remete a ação dos signos, que são processos de significação e de interpretação de um dado objeto, no caso de nossa análise, da obra literária *Relato de um certo Oriente*. Esses processos podem se dar por meio da integração, das relações, das inter-relações, das conexões, dos links, enfim de todos os processos de significação e de interpretação.

Os sistemas se organizam de forma hierárquica, sem implicar em escala de importância, ou seja, embora eles estejam organizados hierarquicamente, esses sistemas estão inter-relacionados, sem que um ocupe um espaço superior ao outro. Ou seja, para que os signos descritos tenham sentido, é necessário que esse sistema e seus subsistemas estejam conectados de forma harmônica.

Segundo K. Boulding (1956 apud LIEBER, 2011, p. 8).

A abordagem sistêmica é a maneira como pensar sobre o trabalho de gerenciar. Ela fornece uma estrutura para visualizar fatores ambientais internos e externos como um todo integrado. (...) Os conceitos sistêmicos criam uma maneira de pensar a qual de um lado, ajuda o gerente a reconhecer a natureza de problemas complexos e, por isso, ajuda a operar dentro do meio ambiente percebido. (K. Boulding (1956 apud LIEBER, 2011, p. 8).

O mesmo ocorre nos sistemas relacionados à literatura, pois ao criar o texto, o escritor cria, recria e revisa sempre, como nos afirma Hatoum em uma de suas entrevistas concedida para a revista *Cult* (2013, s/d.)¹, assegurando que ao reler os seus textos “me dá vontade de corrigir... . Essa compulsão flaubertiana me dá prazer. Escrever é, de algum modo, reescrever”. Isto quer dizer que os sistemas são mutáveis, dinâmicos, isto é, não são estáticos.

Santaella (2008, p. 32) define como parâmetros sistêmicos “àquelas características que ocorrem em todos os sistemas, independentemente da natureza particular de cada um, ou seja, traços que encontraríamos tanto na galáxia quanto em uma sinfonia, por exemplo”. Assim, os parâmetros sistêmicos podem ser divididos em duas partes: básicos ou fundamentais e os evolutivos. O primeiro, é aquele que está presente em todo e qualquer sistema; já, o segundo, aparece ao longo do tempo, e pode estar ou não estar presente em um sistema, bem como pode não estar presente e em um futuro próximo surgir neste mesmo sistema.

Comumente, ao iniciar uma análise literária, normalmente o professor procura localizá-la no tempo e no espaço. Além disso, procura-se situá-la dentro de alguma teoria, seja ela a História, a Filosofia, a Sociologia, Estudos Culturais, dentre outras. Porém, essas ciências são apenas os subsistemas que comporão um sistema maior: a obra literária. Isto implica que essas ciências estão de alguma

¹ . <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/milton-hatoum-um-cronista-a-espreita/>



maneira interligadas a um sistema complexo e juntas darão sentido ao objeto de estudo, prolongando as nuances da obra literária.

Tynianov (1978) afirma que a obra literária constitui um sistema que se relaciona com um sistema maior: a Literatura, ou seja, há o micro e macro-sistema, respectivamente. Porém, esses sistemas não estão sozinhos, uma vez que estão rodeados de outros subsistemas que constituem toda uma cultura social.

Desta forma, podemos afirmar que a Literatura é um sistema composto por diversos subsistemas, isto quer dizer que ela possui várias perspectivas de interpretação, ou seja, há várias possibilidades de interpretação. Pois a obra literária é um “ser vivo”, dinâmico. Portanto, nela, haverá sempre violações, que devem ser vistas como equivalências de uma unidade já designada no texto.

Os sistemas e os subsistemas na obra *Relato de um certo Oriente*

Apresentamos alguns estudos sobre a teoria dos sistemas e o sistema literário para então fazermos a nossa análise sistêmica da obra *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. Inicialmente falaremos sobre o subsistema dos estudos culturais para apresentarmos a questão identitária que permeia a obra em estudo.

A definição de identidade é muito diversificada. Depende do que e de como será a abordagem. Portanto, são questões identitárias tudo que possa influenciar o indivíduo, seja a questão racial, social, cultural e até mesmo linguística. O indivíduo é uno e influenciado pelo meio e pelo grupo a que pertence. Dessa forma, a ação do meio, a raça e o momento produzem o estado social numa época.

O meio, a raça e o momento histórico estão inseridos na obra de Milton Hatoum, já que sua obra retrata o desfazimento de uma família, contado através dos relatos de uma mulher que visita Manaus, a cidade em que viveu na infância, após quase 20 anos ausente. E, a partir dos acontecimentos que se desenrolam após sua chegada, ela vai relembando e (re)descobrendo histórias do seu passado e da família que a criou. Isto ocorre por meio de suas lembranças e das memórias de outras personagens com as quais vai dialogando e construindo o enredo da narrativa, ora expondo o ponto de vista de um, ora de outro. Assim, essa narração lacunar cria no romance aspectos místicos, misteriosos e, até certo ponto, hostis.

Tal característica apresenta-se em várias passagens do romance em análise por meio de riquíssimas descrições, ora da casa, ora da paisagem, enfim, do ambiente em que a narrativa é construída. Como pode ser percebido no primeiro capítulo do romance, quando a narradora desperta pela manhã em Manaus descreve minuciosamente as duas salas da casa de Emilie:

Antes de entrar na copa, decidi dar uma olhada nos aposentos do andar térreo. Duas salas contíguas se isolavam do resto da casa. Além de sombrias, estavam entulhadas de móveis e poltronas, decoradas com tapetes Kasher e de Isfahan, elefantes indianos que emitiam o brilho da porcelana polida, e baús orientais com relevos de dragões nas cinco faces. A única parede onde não havia reproduções de ideogramas chineses e pagodes aquarelados estava coberta por um espelho que reproduzia todos os objetos, criando uma perspectiva caótica de volumes espanados e lustrados todos os dias, como se aquele ambiente desconhecesse a

permanência ou até mesmo a passagem de alguém. (HATOUM, 2008, p. 08).

Essas duas salas são repletas de características que identificam o Oriente, com seus tapetes Isfahan e a imagem do elefante, dentre outros, que o representam simbolicamente. São características desta cultura singular e que estão presentes em alguns cômodos da casa de Emilie.

O romance é ambientado em um período histórico importante para o desenvolvimento da região amazônica e nos mostra as questões identitárias, sociais, culturais e raciais que permeiam as primeiras décadas do século XX, nesta região em que a história do romance acontece. Assim, a trama se desenvolve na cidade de Manaus, que é separada da floresta pelas águas fluviais. Esta região faz divisa com três outros países.

A cidade é marcada pelo hibridismo cultural, e as pessoas viviam sempre em trânsito. Essas características peculiares da cidade amazonense estão presentes na obra: a diversidade de costumes, línguas, e a convivência entre indivíduos de diferentes nacionalidades.

A viagem terminou num lugar que seria exagero chamar de cidade. Por convenção ou comodidade, seus habitantes teimavam em situá-lo no Brasil; ali, nos confins da Amazônia, três ou quatro países ainda insistem em nomear fronteira um horizonte infinito de árvores; naquele lugar nebulosos e desconhecido para quase todos os brasileiros, um tio meu, Hanna, combateu pelo Brasão da República Brasileira; alcançou a patente de coronel das Forças Armadas, embora no Monte Líbano se dedicasse à criação de carneiros e ao comércio de frutas... (HATOUM, 2008, p. 71).

Sobre essas questões, Mônica Pimenta Velloso (1990, p. 207), retrata que “a ideia de espaço fundamenta uma das bases do projeto nacional, constituindo sólido fator de identidade cultural”. Ela afirma ainda que a:

associação entre *espaço* e *identidade cultural* não foi apenas uma elaboração ideológica da ordem dominante, servindo também de referência básica aos grupos marginalizados. Brigando pelo espaço, esses grupos, na realidade, estavam brigando para terem reconhecida a sua própria existência. A territorialização aponta para a especificidade, revelando como o homem entra em ação com o meio imprimindo nele as suas marcas. Assim, a ideia de território está estreitamente ligada à questão da identidade. Demarcando um espaço, o grupo está estabelecendo a sua diferença em relação aos outros.... (VELLOSO, 1990, p. 207).

Uma outra passagem do romance *Relato de um certo Oriente* retrata bem a questão do multiculturalismo presente na obra:

Se algo havia de análogo entre Manaus e Trípoli, não era exatamente a vida portuária, a profusão de feiras e mercados, o grito dos mascates e peixeiros, ou a tez morena das pessoas; na verdade, as diferenças, mais que as semelhanças, saltavam aos olhos dos que aqui desembarcavam, mesmo porque mudar de porto quase sempre pressupõe uma mudança na



vida: a paisagem oceânica, as montanhas cobertas de neve, o sal marítimo, outros templos, e sobretudo o nome de Deus evocado em outro idioma. (HATOUM, 2008, p. 28).

Stuart Hall (2005, p. 74) afirma que a “identidade é pessoal, autossuficiente. A identidade depende da diferença e vice-versa, pois elas são inseparáveis, para que uma exista é necessário que a outra também exista”.

Em seguida, o teórico distingue o que é identidade e o que é diferença, estabelecendo entre elas algumas relações:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Elas são criadas por meio de atos da linguagem.

[...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursivas e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo; elas são disputadas. (HALL, 2005, p. 76, 81).

É essa definição de poder, citada por Hall, que também influencia as personagens do romance em estudo. Em *Relato de um certo Oriente*, Emilie é a matriarca da casa, que tenta manter todos sob sua supervisão: o marido, os filhos, o irmão.

Ainda, de acordo com Hall (2005), a identidade e a diferença estão

Em estreita conexão com as relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. HALL, 2005, p. 81).

Desta forma, percebemos que esse ambiente se incorpora à personalidade atávica das personagens que se veem à mercê de suas angústias, de suas crises existenciais e de suas incapacidades de compreenderem a si mesmas, ou, ainda, nas culpas e pecados que rondam todos, na narrativa. Assim, no romance, as tensões que aparecem na obra estão relacionadas à convivência de culturas, religiões, línguas, lugares, sentimentos e sentidos diferentes das personagens em relação ao mundo.

Não, Emir não era como os outros imigrantes, não se embrenhava no interior enfrentando as feras e padecendo as febres, não se entregava ao vaivém incessante entre Manaus e a teia de rios, não havia nele a sanha e a determinação dos que desembarcam jovens e pobres para no fim de uma vida atormentada ostentarem um império.

Emir se esquivava de tudo, ele tinha um olhar meio perdido, de alguém que conversa contigo, te olha no rosto, mas é o olhar de uma pessoa ausente (HATOUM, 2008, p. 56).

O ambiente não nos seria passado como o único causador do mal estar das

personagens, devido aos seus problemas políticos e sociais, mas a ele eram incorporadas, até de forma independente, as preocupações relacionadas ao destino do homem e ao estar no mundo.

Deparamos-nos aqui com a questão cultural. Clifford Geertz (2011) em sua obra *A interpretação das culturas* assim a define:

O conceito de cultura que eu defendo ... é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (Geertz, 2011, p.10).

Esta ideia corrobora com a explicitada por Santaella (2008) quando apresenta as ideias de Peirce quando afirma que a semiótica se subdivide em três ramos: o da semiose, o da lógica crítica e o da metodêutica.

Para nosso estudo utilizaremos o conceito do primeiro ramo: a semiose, que tem como função estudar todos os tipos de signos: físicos, biológicos, psíquicos, culturais, sociais, etc. pois, ele

Investiga, portanto, a natureza e os significados dos signos, determinando as condições que devem se conformar para serem signos. Trata-se da teoria geral da natureza da representação e de vários tipos de signos que são responsáveis pelo andamento dos processos de semiose, ou seja, dos processos de significação e interpretação. (SANTAELLA, 2008, p. 108).

Assim, esses significados interpretativos é que vão dando sentido e ligando os elementos, os subsistemas ao sistema. Desta forma, ao analisar as relações sociais, culturais, identitárias e histórica da obra em análise, vamos construindo e desvelando a complexidade desta obra literária.

Segundo Moama Marques as personagens de *Relatos de um certo Oriente* estão sempre em fuga. Seja uma morte no sentido literal denotativo ou uma morte simbólica

Como as que acometem o próprio Emir, antes do seu suicídio, e também a personagem de Samara Delia, filha de Emilie e mãe da pequena Soraya Ângela. A de Emir é motivada por uma espécie de exílio involuntário ao qual é submetido e tem como foco um amor distante, deixado nas terras da Marselha; sua descrição feita sob a ótica do amigo Dorner, apresenta a imagem de alguém ausente do (no) mundo, alheio a este. (MARQUES, 2011, p. 06).

Assim, alguns personagens do romance, como Emir e Samara Delia, por exemplo, “fogem” do ambiente opressivo: uma fuga da frustração inevitável, uma fuga dos contatos implacáveis da natureza, uma fuga do exterior, uma fuga que, por fim, se transforma em marcha batida para o medo da loucura, para a loucura. Eles se aniquilam e morrem – morte física, aniquilamento espiritual. Desta forma, essa fuga das personagens estabelece um mote – o da incompreensão e



incomunicabilidade.

Em *Relato de um certo Oriente* as histórias narradas apresentam as nuances da memória das personagens, que constroem o mosaico por meio de suas lembranças, que nos apresentam as tensões e a convivência de culturas, religiões, línguas, lugares, sentimentos e sentidos diferentes das personagens em relação ao mundo. Portanto, a casa de Emilie, matriarca da família na narrativa do Relato, é um microcosmo onde estas tensões, criadas pelo mosaico da narrativa, aparecem e são vividas cotidianamente.

Algumas Considerações

Neste estudo não se pretendeu exaurir as possíveis análises temáticas da obra *Relato de um certo Oriente*, mas apresentar uma nova forma de análise utilizando a teoria dos sistemas.

Desta forma, o texto em estudo é o resultado de um processo que sofre a influência do mundo externo - a sociedade, a qual também influencia. Ou seja, todas as características sociais, culturais, políticas, dentre outras, são subsistemas integrantes de outro sistema, no caso a Literatura.

Assim, temos que a obra literária é composta por um polissistema, ou seja, vários sistemas dentro de um sistema maior. Eles não são hierarquizados, mas é preciso que se conheça as inter-relações entre eles, para que os signos possam ser interpretados.

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. **Relato de um certo Oriente**. In: Maria da Luz Pinheiro de Cristo. (Org.). *Arquitetura da memória - Ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois irmãos e Cinza do norte de Milton Hatoum*. 1ª ed., Manaus: EDUA, 2005, v. 1, p. 345-346.

CHIARELLI, Stefania. **Sherazade no Amazonas - a pulsão de narrar em Relato de um certo Oriente**. In: Maria da Luz Pinheiro de Cristo. (Org.). *Arquitetura da memória - Ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois irmãos e Cinza do norte de Milton Hatoum*. 1ª ed., Manaus: EDUA, 2005, v. 1, p. 35 - 45.

CRISTO, Maria da Luz. Pinheiro de. **Relatos de uma cicatriz**. In: Maria da Luz Pinheiro de Cristo. (Org.). *Arquitetura da memória - Ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois irmãos e Cinza do norte de Milton Hatoum*. 1ª ed., Manaus: EDUA, 2005, v. 1, p. 261-269.

ESTEVES, Maria José de Vasconcellos. **Pensamento Sistêmico o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.



HAESBAERT, Rogério. **Manifestações da cultura no espaço**. In: *Identidades territoriais*. Organizadores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Edurj, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. In: *A produção social da identidade e da diferença*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIEBER, Renato Rocha. **Teoria de sistemas**. Disponível em: www.inf.ufpr.br/urban/.../TeoriaDeSistemas/TS-RenatoRochaLieber.pdf. Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

MARQUES, Moama. **De cidades imaginárias a cidades flutuantes: imagens de Manaus em Relatos de Um certo Oriente, de Milton Hatoum**. Curitiba, 2011. Acessado no site abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline.

HEJL, P.M. Zum Begriff des Individuums. Bemerkungen zum ungeklärten Verhältnis von Psychologie und Soziologie. In: Schiepek, G. (Hrsg.). **Systeme erkennen Systeme**. Weinheim, München: Psychologie Verlags Union, 1987, p.115-154.

PELLEGRINI, Tânia. **Milton Hatoum e o regionalismo revisitado**. Disponível em: <http://cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1766>. 21/09/2006. Acessado em 15 de dezembro de 2014.

SANTAELLA, Lúcia. VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Metaciência: como guia da pesquisa: uma proposta semiótica e sistêmica**. São Paulo: Mérito, 2008.

TYNIANOV J. **Da evolução literária**. In: EIKHENBAUM, B. Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1978.